

Violeta foi para o céu

Andrés Wood

Chile, 2012

Violeta foi para o céu: o sublime do comum

Hugo Albuquerque

Violeta Foi para o Céu, filme do jovem cineasta chileno Andrés Wood sobre a vida de sua compatriota, a cantora – e também pintora e folclorista – Violeta Parra, é um dos melhores filmes latino-americanos dos últimos anos. Wood, que já nos presenteou com o excepcional *Machuca* há alguns anos, mostra em *Violeta* sua boa forma artística, afirmando uma linguagem própria que gira em torno da memória afetiva e de um sublime do comum – não lhe interessa qualquer grandiloquência ao narrar a história de sua país, ao contrário, tal narrativa está fundada na perspectiva de um sujeito sensível, em seu nexos não-linear de memórias afetivas, e no que há de corriqueiro, sutil e, portanto, potente na vida.

Violeta não é uma mulher, é uma força da natureza: em um país cujo legado nativo, em toda sua potência, convive com um recalque civilizatório que faz a *indianidade*, e a simples perspectiva de amálgama cultural, tornar-se o maior fantasma do imaginário coletivo local – a ameaça a um projeto modernizador reprimido e repressor –, *Violeta* é a voz que irrompe com a força de um trovão, as cores de

uma tempestade nos Andes e a paixão sem limites que deseja para além de si mesma. Sua feminilidade, indomável e por vezes rancorosa, é a própria força incontável e fecunda da Mãe Terra. E Wood, sem panfletarismos ou a linearidade rígida e acadêmica, não raras às filmobiografias, nos conduz a esse Mundo-Violeta.

As canções, as sutilezas e a descontinuidade são harmônicas no plano de composição em *Violeta* – como uma arte liberando-se de linhas rígidas, e não meramente liberada, fluindo e animando a vida que corre. E os Andes terminam como panorama imanente dentro dessa composição, tendo ao fundo o canto de *Violeta* e seus olhos cortantes de condor.

Se uma leitura apressada das sinopses de *Machuca* e *Violeta* apontam para uma suposta dedicação de Wood a um projeto historicista, uma análise mais cuidadosa de sua obra nos abre as portas para uma produção viva que se volta, a bem da verdade, para um *devoir-Chile*: as memórias, o sensível e o comum de um país que tombou nas mãos de um programa obliterador e paranoico, guiado pela crença em uma modernidade combinada com um culto medieval à repressão, uma força voltada a cindir natureza e cultura em um binarismo estanque – cuja violência não poderia ser pequena, dado o grau de união em que se encontravam no legado nativo.

O cinema de Wood é não só de resistência cultural, mas também de uma persistência sensível sem tamanho - como o sorriso singular e contagiante de **Francisca Gavilán**, magnífica no papel de Violeta, nas reminiscências de uma vida em cortes, recortes e paixões. A caudalositez histórica de Violeta

reside justamente na sua despreensão narrativa. Em um filme como esse, irrompe uma força sem limites de um país ambíguo e bellissimo. Isso tudo põe Wood no mesmo panteão de vozes chilenas que se opuseram à pasteurização cultural e a anestesia pinochetista.